

# OS GERADORES DO TERROR

(Jornal do Brasil – 23/09/2004)

A luta contra o terrorismo mundial tem-se tornado um fantástico fracasso. Quanto mais se combate com a força, mais o terrorismo cresce, intrigando todos os que se dedicam à guerra aos dolorosos efeitos sem reflexão sobre suas causas.

Bush, Putin e Sharon são típicos líderes mundiais que acreditam que a batalha contra o terrorismo, nos moldes de uma guerra clássica contra o inimigo externo, é o caminho acertado para derrotar este inimigo sem face. E estão colhendo, para tristeza da humanidade, os dramáticos resultados do falso diagnóstico e da maneira equivocada de se atacar este flagelo dos séculos XX e XXI.

Aquilo que a mim mais me impressiona é que a maior parte dos terroristas acredita que está lutando por uma causa nobre. Em sua tresloucada visão de ideais desfigurados, dispõem-se a sacrificar a própria vida, em clara demonstração de que não são mercenários. Compreender o motivo que faz alguém se transformar em terrorista é um dos caminhos, que as nações que o combatem, deveria trilhar para encontrar formas de sua reeducação e de influenciar, positivamente, a distorção mental de tais fanáticos imbuídos de uma doentia visão voltada à implantação de "seus valores".

Impressiona-me, também, que os três principais líderes do combate aos terroristas não percebiam que os povos têm características, valores, culturas, religiões e costumes diferentes. E que todos convivem, com suas diversas maneiras de ser, na mesma época. Líderes geniais seriam aqueles que compreendessem --o princípio está na constituição brasileira-- de que devemos respeitar a maneira de ser de cada povo e não lhes impor o nosso estilo. Respeitar a auto-determinação das nações.

O povo iraquiano é diferente do povo americano e as milhares de vida de civis sacrificadas naquele país pelo truculento hóspede da Casa Branca, em nada beneficiou o mundo na luta contra o terrorismo. Antes, graças a sua ação baseada em falsas provas e profusão de mentiras, fez com que crescesse, no mundo inteiro, o terrorismo, porque incentivou os fanáticos a lutar contra tal manipulação de fatos. Bush disse que pretendia fazer do Iraque uma democracia, mas não só o destruiu, como conseguiu lançar o país numa guerra civil, sem horizontes para acabar.

À evidência, se a intenção foi assegurar o fornecimento de petróleo e poder intervir na Arábia Saudita, caso a dinastia Saud venha a cair, as manipuladas justificações eram de plena consciência do provinciano Presidente, pois o verdadeiro objetivo da invasão ao Iraque teria sido assegurar o fornecimento do petróleo dos dois países, que detêm a 1ª. e 2ª. maiores reservas do mundo. Não é de se descartar tal hipótese, na medida em que o único país árabe que não financiaria nunca terroristas seria o Iraque, visto que Saddam não daria armas e dinheiro àqueles que poderiam, um dia, se voltar contra ele.

O certo é que o mundo é menos seguro depois da "era Bush" do que antes, lembrando-se que o episódio das duas torres --os terroristas que lançaram os aviões sacrificaram a própria vida por um ideal desfigurado-- deveu-se, em grande parte, às falhas de sistemas de segurança de um país, que, após a queda do muro de Berlim, desleixou, à falta de inimigo externo, os serviços de inteligência.

Por outro lado, a maneira do governo americano em relacionar-se com os outros povos, por dirigir uma nação que detém 1/3 do PIB mundial, é sempre prepotente, principalmente em relação ao povo árabe. E o crescimento de mortes de civis, nas duas invasões (Afeganistão e Iraque), só tem aumentado o ódio destes povos aos Estados Unidos, o que se viu na abertura do desfile das Olimpíadas em que o Iraque foi delirantemente ovacionado e os americanos ignorados.

Sharon, ao contrário de seus antecessores menos moderados, demonstra, em relação aos palestinos, o mesmo viés e não tem tornado Israel mais seguro. É interessante notar que, enquanto Clinton foi presidente dos Estados Unidos, não só conseguiu um acordo de paz entre Israel e o povo palestino por 7 anos (1993-2000), como reduziu consideravelmente os atentados terroristas no mundo inteiro.

Putin não fica atrás, na tática de responder fogo com fogo, e não quer se aprofundar nas raízes do drama da Chechênia. E os resultados –os mais dramáticos, até hoje, de uma ação terrorista contra o mundo inocente da infância— estão a demonstrar que tais táticas tem-se revelado de um espantoso fracasso, no mundo inteiro.

Combater os efeitos, sem tentar mudar as causas, é dar analgésicos a moléstias cuja etiologia não se rende a remédios paliativos.

O terrorismo é um inimigo sem face. E cresce na medida em que não se compreende suas causas. Estou convencido de que se houvesse maior respeito à maneira de ser de árabes e muçalmanos, palestinos e chechênios, por parte das nações mais poderosas, o terrorismo seria, como a criminalidade, factual, mas não um flagelo. Enquanto se continuar tratando mal os povos considerados inferiores pelos que detém a força, o terrorismo continuará a ser a arma dos fracos de ideal desfigurado. É que acreditam que conseguirão, desta forma, o respeito e a independência que seus povos não conseguiram pela luta aberta, gerando tragédias sobre tragédias, no mundo inteiro e tornando-o de mais em mais inseguro.

E os três líderes primários (Bush, Putin e Sharon) que combatem os efeitos e não as causas do terrorismo, tornam-se, de rigor, os verdadeiros geradores do terror.